

Capítulo XIII

Mar: Zona de proscricção e confinamento de males



MAR: ZONA DE PROSCRIÇÃO E CONFINAMENTO DE MALES

Carlos Augusto Ribeiro¹

¹ IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição / NOVA FCSH, Universidade Nova de Lisboa (bartleby.said@gmail.com).

RESUMO

O mar está presente no espólio de Medicina Popular recolhido por Michel Giacometti e editado em *Artes de Cura e Espanta-Males* (2009). Em muitas das receitas e encantamentos pertencentes a várias especialidades médicas, o mar – tal como a montanha ou alto pinheiral – é uma área para onde são lançados / encantados os males. A partir de uma leitura atenta da parte do espólio mais explícita sobre a relação entre o ritual terapêutico e o mar, constatamos que há uma fronteira clara entre os espaços humanizados – sintomaticamente, onde cantam galos e galinhas e, por extensão, outros animais de criação doméstica – e as ditas zonas proscritas, não-humanizadas. Necessariamente, uma fronteira para ser velada e mantida a bem dos (frágeis) corpos, humanos e não-humanos. A pessoa que arremessa ao mar os restos materiais de um ritual terapêutico, frequentemente fá-lo de costas para o mar. Os males são enviados para o mar coalhado, salgado, sagrado, ou para o fundo do mar. Precisamente, para onde se crê que eles deixam de ser nocivos e nunca mais podem regressar. É sabido que em termos de uma história da paisagem, o mar – assim como a montanha e o deserto – foi / é, por ser uma zona de incalculáveis riscos e perigos, uma paisagem hostil. E, só modernamente, o mar (bem como a beira-mar e a praia) é uma paisagem e um lugar de lazer. O referido espólio de Medicina Popular é um testemunho dessa mentalidade pré-moderna.

Palavras-chave: Mar; encantamento; medicina popular.

INTRODUÇÃO

Para os propósitos deste artigo, reportamo-nos ao espólio de Medicina Popular recolhido por Michel Giacometti e sua equipa no período compreendido entre 1959 e 1990 (ano da sua morte), editado postumamente em *Artes de Cura e Espanta-Males*¹.

¹ ALMEIDA, Ana et al (ed). *Artes de Cura e Espanta-Males – Espólio de Medicina Popular recolhido por Michel Giacometti*. Doravante,

The sea as a proscription and confinement zone for all evil

ABSTRACT

The sea is present in the collection of Popular Medicine collected by Michel Giacometti and published in *Artes de Cura e Espanta-Males* (2009). In many of the recipes and incantations belonging to various medical specialties, the sea – like the mountain or the high pine forest – is an area where evils are thrown / exorcised. From a close reading of the most explicit part of the collection regarding the relationship between the therapeutic ritual and the sea, we find that there is a clear border between humanized spaces – symptomatically, where roosters and chickens are singing and, by extension, other domesticated animals – and the so-called outlawed, non-humanized zones. Necessarily, a boundary to be veiled and maintained for the benefit of (fragile) human and non-human bodies. The person who throws the material remains of a therapeutic ritual into the sea often does so with his back to the sea. The evils are sent to the curdled, salty, sacred sea, or to the very bottom of the sea. Precisely, where they are believed to be no longer harmful and can never return. It is well known that in terms of a landscape history, the sea – as well as the mountain and the desert – was / is, because it is an area of incalculable risk and danger, a hostile landscape. And, only in modern times, the sea (as well as the seaside and the beach) is a landscape and a place of leisure. The aforementioned collection of folk medicine is a testament to this premodern mentality.

Keywords: Ssea; exorcism; folk medicine.

O vasto arquivo de fórmulas curativas ancestrais em causa diz respeito a uma medicina empírica, popular e tradicional, em parte resgatada por apelidadas ‘medicinas alternativas’, em conformidade com as análises de Álvaro Carvalho (2009, p. 21) e João Lobo Antunes (2009, p. 17). Uma medicina que está ainda “presente em meios

quando nos referirmos a uma determinada receita do mencionado corpus de Medicina Popular, o número respectivo da receita aparecerá dentro de um parêntesis recto. Por exemplo: (ALMEIDA et al., 2009 [23], p. 67).

rurais, sobretudo em idosos de escolaridade baixa” segundo Manuel Valente Alves (2009, p. 370). A feição rural dessa medicina do povo justifica que convoquemos uma outra designação: ‘medicina rústica’ (ARAÚJO 2004) ².

Para a elaboração do artigo, foi efectuado um levantamento prévio de todas as referências ao mar em todas as especialidades médicas, presentes na dita obra, e uma posterior leitura radicada na relação do ritual terapêutico com o mar. Nessa medida, com este artigo pretendemos aprofundar e ampliar o nosso anterior estudo (RIBEIRO 2013, pp. 85-96) acerca do ritual terapêutico e da sua feição performativa (SCHECHNER 2003, p. 22), então exclusivamente centrado numa única especialidade médica, a Dermatologia.

Numa parte substancial do corpus de medicina rústica – composto por cerca de 5500 receitas recolhidas em Portugal Continental e Insular e respeitante aos séculos XIX e XX – o mar surge como um espaço hostil, não-humanizado (juntamente com a montanha ou o alto pinheiral); e – consequentemente – como destino privilegiado de grande parte dos males esconjurados durante o ritual mágico-terapêutico. Evidencia-se uma fronteira clara entre os espaços humanizados – sintomaticamente, onde a mãe chama pelo filho ou chora o menino; onde cantam galos e galinhas e, por extensão, outros animais de criação doméstica – e as ditas zonas proscritas, não-humanizadas e infecundas, geradoras de sobressaltos e medos ³.

²O antropólogo Alceu Maynard Araújo explica assim a escolha do termo que dá título à sua obra, *Medicina Rústica* – acerca da sobrevivência de práticas de medicina popular, rural, em classes populares do Nordeste brasileiro – o qual adoptámos no nosso texto: «O vocábulo escolhido é Rústico – Medicina rústica. Traz aquele sabor latino de *rusticus*: relativo ou próprio do campo. Medicina rústica no seu sentido lato, sem restrições de cor ou miscigenação, [...]. Isento de preconceitos será o termo adjectivamente rústico, significando relativo ao meio rural, próprio de um país rural eminentemente rural como é o nosso Brasil. A medicina rústica é o resultado de uma série de aculturações da medicina popular de Portugal, indígena e negra.» (ARAÚJO 2004, pp. 54-55).

³O mar, a montanha e o alto pinheiral são territórios limítrofes hostis, não-humanizados. Esses territórios desabitados comportam inúmeras e constantes ameaças para a ordem, a integridade e a segurança de comunidades humanas. No entanto, esses territórios tornam-se em destinos ideais de uma incessante desforra desencadeada pelo mundo humanizado, o qual, por essa via, visa alcançar uma contenção temporária da influência manifesta das forças do caos (doença, dissolução e morte). Nessa medida, o mar, a montanha e o alto pinheiral surgem neste espólio de medicina popular como afins à

Necessariamente, uma fronteira a ser velada e mantida a bem dos (frágeis) corpos, humanos e não-humanos.

CORPO, DOENÇA E MORTE

No referido espólio de Medicina Popular, o mal (a doença, o sofrimento e a morte) decorre de uma constitutiva fragilidade humana diante de forças poderosas que regulam e entretencem o cosmos. A começar pelas condições mais adversas do meio ambiente: o frio, a neve e as tempestades. O corpo (humano e não-humano) é, segundo a experiência popular, uma parte integrante do cosmos, permeável às suas forças e energias, visíveis e invisíveis, bem como a inúmeros perigos e ameaças. Atreito a ser, igualmente, um alvo de malefícios – voluntários ou involuntários.

Segundo a concepção de povos assim chamados primitivos e da antiguidade – embora partilhada por muitos nossos contemporâneos – a doença e a morte são consequências do sobrenatural: forças místicas, mágicas, punição divina, ares maléficos, maus-olhados ou corpos estranhos. Quando eclode em organismos humanos, em animais, plantas e objectos, comporta prejuízos e distúrbios que os pode levar do definhamento à destruição total. O corpo assemelha-se a uma frágil fortaleza – em certa medida, por causa das suas aberturas ao exterior. O corpo é visto como vulnerável e, por isso, carente, a cada passo, de medidas preventivas e restauradoras. Em suma: requerendo modos de influência sobre as forças cósmicas, mais ou menos impessoais, por meio de encenações simbólicas. Contra o mal manifesto, que vem habitar o corpo, os ossos e a carne (não-) humana, a medicina rústica (na sua tripla feição: mágica, religiosa e empírica) acredita haver um antídoto correspondente. A virtude sobrenatural dos amuletos contra os perigos (quebranto ou mau-olhado) ou a eficácia milagreira de uma reza são

noção de ‘paisagens do medo’ (TUAN 1979, pp. 6-8). Efectivamente, através do ritual mágico-terapêutico, as pessoas afrontam os males personalizados (traço de antropomorfização da natureza) com vista a restaurar e a reforçar as fronteiras necessárias para a protecção física e a defesa mágica da integridade da comunidade, dos corpos e dos lares (TUAN 1979, p. 206).

bastantes para que o doente regresse a um estado de saúde prévio   chegada do mal. Inclusive, a um estado de saúde conforme ao que lhe foi dado   nascença – tal como se evidencia, por exemplo, na benzedura da erisipela ou na do quebranto, respectivamente: «Deus te torne a teu estado como foste nado e criado» (ALMEIDA *et al.* 2009 [13], pp. 80-81) ou «Se tens quebranto ou ramo de inveja ou ar ruim, fica são e salvo como Deus te deu no mundo.» (ALMEIDA *et al.* 2009 [1], p. 602). Desse modo, vedando-se a entrada ao mal, faculta-se ao paciente a protec o almejada.

RITUAL MÁGICO-TERAPÊUTICO

Apesar de rudimentares, os recursos   disposi o do povo – sobretudo, quando o acesso aos benefcios da medicina científica   escasso por razões socioecon micas e geográficas – convocam uma diversidade de terapêuticas para repelir, transferir, dominar e vencer o fustigante mal invasor. Como remédio na cura de males, afectando a saúde do corpo e do espírito, roga-se o socorro de Deus e Santos, Bentas e Benzedadeiras, mais prontamente do que o do médico (um concorrente s  solicitado em último recurso). Reza-se, cumpre-se promessas (para protec o de homens e animais) e fazem-se ex-votos (figuras com a fun o de gratidão devota pela cura operada pelo santo; ou, ainda, por serem duplos do real, com a fun o de captar e canalizar o poder milagroso para o corpo ou parte corporal do enfermo, numa antecipa o da b n o solicitada).

A eficácia da cura   determinada por um conjunto de factores: escolha adequada dos meios específicos; observância de certas precau es e prescri es (intervalo temporal ou número de repeti es a que se aplica os mesmos procedimentos até se alcançar a cura definitiva); cumprimento de interdi es alimentares (jejum), bem como de condi es relativas ao tempo e ao espaço em fun o de rituais terapêuticos específicos. Os rituais de cura têm de ocorrer em momentos adequados: por exemplo, uns ao nascer do sol ou ao pôr-do-sol; outros,   meia-noite. Uns implicam a desloca o do paciente a espaços sagrados ou o contacto corporal com atributos análogos (a fonte de água santa);

outros, a desloca o a um espaço natural culturalmente marcado por qualquer indício visual ou testemunho oral sobre a passagem de uma entidade sagrada.

A mulher ou o homem de virtude (derivada de Deus), apelidados de bentos (VASCONCELLOS 1986, p. 326), sabe reconhecer as diversas formas assumidas pelo mal, os respectivos graus consoante a gravidade e o seu g nero (o qual, por sua vez, exige correspondente g nero de talhador: uma Maria ou um João). Além do poder sugestivo de uma fórmula ou de uma cerim nia⁴, quem talha dispõe de uma panóplia de recursos: agentes directos e concretos – tais como: as substâncias (azeite, água benta, sal, vinagre, urina, excrementos de galinha, de rato ou de sard o, cuspo, cinza do lar, p  da guia que   terra da estrada peneirada); os instrumentos (faca, pedra de argueiro, pedra de peçonha, vela benta acesa na mão do enfermo e crucifixo); os gestos recorrentes (rezar o credo em cruz, dispor em cruz ramos de palma e de oliveira benzidas em Domingo de Ramos, distribuir as palavras em cruz, desenhar ou pincelar o sinal da cruz ou fazer cruces no ar); as palavras e os nomes em complemento dos gestos (o nome de Jesus cuja evoca o faz desaparecer, de imediato, qualquer mal) e os ensalmos (caracteristicos da medicina popular) em modo de ora o ou encomenda o.

A eficácia do ritual mágico-terapêutico deriva, sobretudo, da expressa submissão do mediador a um poder originário transcendente (santos, apóstolos, Virgem Maria, Jesus Cristo ou as pessoas da Santíssima Trindade), a partir do qual se d a transmissão da força curativa e o controlo dos procedimentos mais ajustados com vista   reposi o da saúde perdida. Depois do operador da cura (benzedeira, talhadora, feiticeira, etc.) se assumir como mediador (mão executante), este identifica e, muitas vezes, interpela e invectiva o mal localizado no corpo do doente. Tendo-se declarado no início do processo de cura como mero

⁴ Vale a pena sublinhar que o espólio constante em *Artes de Cura e Espanta-Males* testemunha, frequentemente, a existência de uma diversidade mezinhas e aplica es (por vezes, contraditórias entre si) e fórmulas (acompanhadas, em geral, de informa es relativas ao contexto, aos procedimentos e às ora es) para lidar com cada enfermidade ou cada defeito.

intermediário de forças maiores do que ele próprio (agindo em nome delas ou pelo poder e virtude de entidades transcendentais), aquele que cura (agente-mediador) fá-lo, durante o processo terapêutico, interpelando também com frequência o doente. O doente é arrancado à inação passiva (por exemplo: chamado pelo seu nome), assim como qualquer indivíduo na função de ajudante do mediador: efectivamente, ambos são interpelados no sentido de prestarem a sua colaboração, se não numa sequência de perguntas e respostas, certamente pelo menos, nas orações finais (pai-nosso, ave-maria, salve-rainha) em louvor dos santificados intervenientes, nomeados durante a benzedura.

O processo mágico-terapêutico simboliza e actualiza uma mudança de estado definitiva: de uma situação de doença em direcção a uma situação de saúde. E, ainda, associada a essa troca, decreta a mudança de lugar do mal invasor. É explícita, por exemplo, a fórmula para a cura do quebranto: «Tod'ò mal vá p'ra fora / E venha a saúde p'ra dentro» (ALMEIDA *et al.* 2009 [58], p. 614). Ou uma outra variante para o mesmo mal: «Saia o mal, pra fora / E entre o bem, pra dentro» (ALMEIDA *et al.* 2009 [76], p. 618). Além de encarnar em substâncias e instrumentos manipulados pela benzedora durante o ritual terapêutico, o mal pode, em outras ocasiões, ser transferido para um alvo pré-definido ou fortuito: um vizinho (conterrâneo) pobre ou um animal. Por intermédio desse processo, assistido por entidades transcendentais, opera-se a transformação do valor da relação entre o mal invasor e o hóspede (doente). Frequentemente, a fórmula recitada pelo mediador para a cura de um mal específico cita a recorrente geografia sagrada de um mítico encontro entre Jesus Cristo e os apóstolos (Pedro, Paulo), ocorrido a meio caminho na ida ou vinda de Roma, e ao qual está associada a origem mítica da receita. A outros míticos encontros está associada a origem de tantas outras receitas: entre a Nossa Senhora e Santa Cecília (ALMEIDA *et al.* 2009 [114], p. 102); Nossa Senhora e Santa Elísia (ALMEIDA *et al.* 2009 [76], p. 92); Virgem e S. Sesnando, na vinda de Roma (ALMEIDA *et al.* 2009 [84], p. 96), Deus e S. Mateus (ALMEIDA *et al.* 2009 [67], p. 615) ou entre Eva e a Virgem Maria (ALMEIDA *et*

al. 2009 [136], p. 107; [69], pp. 616-617).

A vitória passada sobre o mal invasor é celebrada pela fórmula proferida, durante o ritual mágico-terapêutico, na qual são anunciados o modo e a origem da cura. Ao ser proferida, a fórmula permite que os participantes (doente e mediador) no processo terapêutico não somente façam acontecer o previsto, mas mostrem a si próprios e aos outros (pelo menos, diante da audiência divina) o que eles estão em vias de operar. O processo de cura (performance e ritual religioso) celebra e faz acontecer a cura. O momento terapêutico é, por assim dizer, um ponto intermédio entre um momento mítico e o pretendido momento de cura definitiva. Tomando esse passado mítico como um modelo a ser imitado, o processo de cura constitui-se em sua repetição ou reactualização. O que sucedeu em Roma (centro do mundo cristão), em tempo imemorial, será retomado em outro lugar, com outros intervenientes que, na qualidade de intermediários entre o divino e o humano, bem como na qualidade de herdeiros de tradições e conhecimentos empíricos oralmente transmitidos, não deixarão de rememorar e imitar a acção terapêutica passada. A libertação dos poderes no presente acontece com (e devido a) esta reprodução. A fé na eficácia do ritual (partilhada pelos participantes no processo terapêutico) garante que o êxito da cura (alcançada no passado imemorial) continue a ser fixado e confirmado pela repetição. Podemos, por isso, entender o momento terapêutico como articulação de uma coincidência espacial e temporal.

Entendido como performance, o processo de cura é um evento social que procede a uma integração das mais diversas dimensões de uma ecologia integral da sociedade: a geografia, o calendário, a interacção social e a propensão humana para transformar a natureza em cultura. As mezinhas, a culinária mágica (química ou farmacológica, por intermédio da qual se preparam as coisas mágicas e se lhes confere a forma ritual), os ensalmos e as benzeduras, constituem a expressão de uma estreita relação entre o homem e o ambiente natural, entre a comunidade humana e o espaço geográfico.

MAR ENQUANTO DESTINATÁRIO DO MAL E FONTE DE CURAS

As estratégias de esconjuro, expulsão, dispersão ou aniquilação através da fragmentação da entidade maléfica, inclusive a desapareição completa ou, pelo menos, a recolocação da mesma entidade em lugar próprio, mais conveniente, dizíamos, as várias estratégias visam repor nos respectivos lugares as entidades usurpadoras do território humano e do corpo do doente. Há que afugentar (talhar) o mal da cama e do lar e de todo o lugar. Localizadas e interpeladas, essas entidades ou influências maléficas são exortadas a abandonar o corpo do doente e arremessadas para os confins do espaço humanizado.

Para a cura de maleitas cutâneas (erisipela, impigem), psiquiátricas (quebranto) ou do sistema nervoso, oculares e de muitos outros males (mau-olhado – causador de quebranto; a ciática ou flato nervoso), são citadas fórmulas milagreiras onde é, com recorrência, declarado que o mal é deitado às ondas do mar – para onde não possa reverdecer, nem florescer – ou lançado para um lugar igualmente inóspito (como o deserto). O mar – e, por vezes, o «rio Jordão sagrado» (ALMEIDA *et al.* 2009 [13], p. 561) onde Cristo foi baptizado – o monte, a serra, o pinheiral ou suas imediações surgem como lugares de degredo e perdição definitiva para o mal esconjurado. De facto, no corpus de receitas mais explícito sobre a correlação com o mar – o qual constitui o cerne deste nosso artigo – o mar é citado ou evocado como destinatário do mal, seja o caso em que o ritual ocorre na sua presença (à beira-mar), seja o caso em que o ritual aconteça em outro lugar distante (por exemplo: na encruzilhada de dois caminhos). A cura de hérnias e luxações ocorre numa encruzilhada: aí, a criança doente (quebrada) é tomada em braços por um rapaz (João) e passada para uma rapariga (Maria) enquanto o par – ambos virgens – recita uma oração. Mais do que a mera alusão a um acontecimento passado – a passagem de Nossa Senhora pelo mar salgado – a oração recitada visa operar a equivalência entre a virtude dessa ocorrência imemorial à virtude da transferência do

doente das mãos de um para o outro (e vice-versa), da qual provirá a inevitável cura da criança (ALMEIDA *et al.* 2009 [25], p. 52). Contra o mal de inveja, a benzedeira embrulha os restos de uma defumação (cinza e brasas) para os lançar durante a noite, sem que ninguém a veja, numa encruzilhada de caminhos (ALMEIDA *et al.* 2009 [1], p. 573).

Convencido a abandonar a morada pobre e o fraco sustento que é o corpo do doente, o mal é assim expulso ou recambiado para o mar, arremessado às temidas ondas do mar, para o mais longe possível da comunidade humana, donde muito dificilmente poderá regressar: o «meio do mar», o «fundo do mar», «o outro lado do mar», «outras bandas das águas do mar» ou, ainda, o «mar coalhado», também designado de «oceano glacial» (VASCONCELLOS 1986, p. 119). Um dos ingredientes (ou parte deles) usado na benzedura da erisipela (infecção contagiosa de pele, semelhante ao sarampo e coxo, também apelidada ‘fogo de santo antão’ ou ‘mal da rosa’) é atirado para o fogo e o mar: uma metade do limão é deitada ao lume por uma Maria, após a benzedura, enquanto a outra metade (esfregada na área afectada) terá de ser arremessada para o mais longe, de costas para a maré, e sem que o padecente veja (ALMEIDA *et al.* 2009 [105], p. 101; [106], p. 101).

Os banhos salinos ou o uso da água do mar (em soluções) são aconselhados em certas enfermidades, mas sempre tendo em consideração os riscos e perigos de se estar à beira-mar. Há que estar atento à índole traiçoeira do mar, porque ele é «traiçoeiro como um lobo; só quer agarrar gente» (VASCONCELLOS 1986, p. 118). Os banhos de mar são indicados para crianças enfezadas e com atrasos no andar (ALMEIDA *et al.* 2009 [20], p. 175). Igualmente, para crianças quebradas (com hérnias), passando-as sobre três marés sucessivas. Por vezes, os banhos salinos, à meia-noite em véspera de S. João, são a garantia contra sezões (ALMEIDA *et al.* 2009 [12], p. 295). Depois de se passar as águas do mar sobre a pele infectada da pessoa, sofrendo de impigens, pode-se, em seguida, «escrever as impigens», pintando-as com tinta (ALMEIDA *et al.* 2009 [14], p. 142). Os banhos de mosto de vinho (em lagares) são uma alternativa

terapêutica aos banhos salinos recomendados para crianças pouco desenvolvidas (com raquitismo) ou com dificuldades no andar (ALMEIDA *et al.* 2009 [13], p. 173). A solução constituída por beijos de mar dissolvidos em sumo de limão queima os cravos (ALMEIDA *et al.* 2009 [32], p. 160) e tira as sardas do rosto (ALMEIDA *et al.* 2009 [3], p. 153). O sal (sal do mar, apelando a «mar salgado») é um elemento, ao mesmo tempo, purificador e protector, que alivia e afasta os males – por exemplo: chagas, verrugas. Outros usos metonímicos do mar: fricções com a água do mar amornada para curar o reumatismo (ALMEIDA *et al.* 2009 [10], p. 474); fricções com limos e algas marinhas dos poços dos penedos contra as escrófulas (ALMEIDA *et al.* 2009 [8], p. 110) – ou seja: a tuberculose dos gânglios linfáticos da face lateral do pescoço; ferrar a cabeça de um peixe como cura das crianças que não param de se babar (ALMEIDA *et al.* 2009 [3], p. 191).

O mar é entendido como poderoso e sagrado (em virtude da passagem de Nossa Senhora)⁵, capaz de suportar e reter todo o mal esconjurado. Por isso, é evocado na cura de doenças de foro psiquiátrico – na benzedura do quebranto (ALMEIDA *et al.* 2009 [69], pp. 616-617); na benzedura do possanto (ALMEIDA *et al.* 2009 [2], p. 648); na benzedura contra o mau olhado (ALMEIDA *et al.* 2009 [15], p. 651) em pessoas, animais e flores; na benzedura do flato nervoso (ALMEIDA *et al.* 2009 [12], p. 650); na benzedura do farpão nos olhos ou doenças dos olhos (ALMEIDA *et al.* 2009 [13], p. 651); na benzedura de ares maus (ALMEIDA *et al.* 2009 [23], p. 653); na benzedura da herpes (ALMEIDA *et al.* 2009 [25], p. 653); na benzedura da impigem negral e alvar (ALMEIDA *et al.* 2009 [24], p. 653);

na benzedura de crianças encruzilhadas, com atraso na locomoção e com as pernas cruzadas (ALMEIDA *et al.* 2009 [1], p. 428).

A rejeição interior ao mar pode ser superada, motivada pela necessidade de cura de uma criança quebrada (com alguma luxação), invocando a divina intervenção e protecção. Porque se reconhece na movimentação das ondas (três marés sucessivas), aliada ao choque térmico, atributos terapêuticos, leva-se a criança até ao mar, mas sempre com muita precaução e aflicção para que ninguém seja levado pela ondulação marítima.

CONCLUSÃO

Deparamo-nos, com muita frequência, em *Artes de Cura e Espanta-Males*, com indícios de uma atitude ambivalente do homem com o que o rodeia. Embora sendo fonte e condição de vida, o ar é veículo de muitas enfermidades, quando emana de seres, astros, encruzilhadas, mar e de muitas outras coisas que o contaminam ou infestam. Em relação ao próximo: qualquer pessoa pode lançar (por querer ou sem querer) o mau-olhado sobre outra pessoa (nomeadamente, a coisas próximas dela), quer seja inimiga, quer queira bem. Em relação ao animal: aquele que é apontado como causa directa ou indirecta de doença pode ser, por seu turno, a causa de cura (entrando na composição de remédios populares). Em relação à palavra (dita e escrita): não obstante, o poder incalculável da palavra sob a forma de benzedura, esconjuro e oração, bem como do nome de Jesus (evocado na cura de diversas enfermidades), porque se crê no perigo proveniente de certas palavras proferidas, inclusive nomes de animais dotados de potencialidade poluidora, ou no poder mágico associado a nomes de certas doenças, mais envoltas em temor e mistério, interdita-se ao máximo o seu pronunciamento. A mesma atitude ambivalente se verifica em relação ao mar.

O espólio de Medicina Popular (aqui visado) é um testemunho de uma mentalidade pré-moderna. Por um lado, dos modelos de doença e cura tradicionais sobressai um nexos semântico (não-causal, não-determinista) ou uma lógica de

⁵ Numa das rezas contra o mau-olhado e os ares maus: «[...] Com o Santíssimo Nome de Jesus a quem adoro e creio verdadeiramente que nos há-de vir a julgar, os vivos e os mortos, os bons ao céu e os maus às penas eternas. Todos estes ares maus constipados que este corpo tem, ar do sol, ar da lua, ar de frio, ar de serra e ar de mar, ar da neve e ar da chuva, ar de portas e ar de janelas, ar de camas, ar de berço, ar de caminhos, ar de igrejas, ar de pias, ar do vento ou ruim mal invejado que entrou nesta cabeça, nestes miolos, ou nesta testa, ou nestas fontes, ou nestes olhos, neste nariz ou nesta boca, ou nesta garganta, nestes ouvidos, nestas costas, ou nestes ombros, nestes braços, nestas veias, ou nestas mãos, ou neste peito, ou neste fígado, neste bofe ou neste coração, ou neste bucho ou neste debulho, ou nesta barriga, nestes ossos ou nestes joelhos, ou nestas pernas, ou nestes pés, ou nestas juntas, naquele mar seja deitado, que o mar é poderoso e sagrado, pode com tudo sempre. Amén. [...]» (ALMEIDA *et al.* 2009 [24], p. 586).

semelhanças e comparações entre conceitos e acontecimentos. Por outro lado, a mentalidade pré-moderna é consentânea com uma natureza materialmente pouco dominada – prévia à realidade moderna de um planeta completamente humanizado ou afectado pela actividade humana ⁶.

Ao corpo que se torna alvo da eficácia do ritual terapêutico são transmitidas as necessárias virtudes mágicas e protecção retidas e conservadas por consagrados materiais, substâncias, actos, palavras, gestos e sinais. Por via do ritual mágico (determinado por princípios de simpatia / antipatia, contiguidade, similaridade e contraste), o corpo do paciente transforma-se em palco especial de uma complexa performance, por meio da qual acontece e se renova as formas de articulação íntima entre o indivíduo e a natureza, a comunidade humana e o cosmos. O mal é transferido ou esconjurado para longe da povoação – um local ermo e de difícil acesso onde não possa prejudicar ninguém ou «coisa nenhuma do mundo» (ALMEIDA *et al.* 2009 [14], p. 605) e, sobretudo, não possa retornar (CORRAL 2009, pp. 491-496).

Não é de estranhar. Numa visão alternativa à tese de um país intrinsecamente marítimo, veiculada pela historiografia, a literatura erudita, o discurso intelectual e político de certos tempos, sob a qual a aventura atlântica surge hegemonicamente como o símbolo da identidade nacional, Joana de Freitas recorda-nos, no seu estudo intitulado *Landscapes of Fear: The Portuguese Coast*, que – em sintonia com a documentação histórica e os textos de tradição oral – a costa portuguesa permaneceu durante séculos, desde a Idade Média até ao século XIX, um território vazio, selvagem, indomável e caótico. O domínio marítimo esteve circunscrito a uma estreita orla litoral, exceptuando pequenas comunidades costeiras e cidades portuárias. Citando Orlando Ribeiro, Joana de Freitas lembra que as actividades relacionadas com o mar foram sempre limitadas, fragmentárias e intermitentes. Durante séculos, os pescadores só se instalavam em costas abertas durante o verão, regressando às povoações do

interior para se dedicarem, durante o inverno, a actividades rurais. Por causa do nível elevado de exposição e abertura da costa portuguesa – entre Porto e Nazaré e entre a boca do rio Sado e o Cabo de S. Vicente –, a zona costeira foi percebida, durante séculos, como um lugar inóspito e hostil. A litoralização é um fenómeno recente, ocorrido a partir do século XIX, segundo o estudo de Joana de Freitas (2016, p. 29). Indissociável de mudanças nos padrões de povoamento, de transformações tecnológicas e económicas da indústria de pescas, do êxodo rural, da emergência do banho de mar com propósitos medicinais, a litoralização veio contribuir para uma progressiva alteração na percepção da costa enquanto exemplar paisagem do medo. Só modernamente, o mar (bem como a beira-mar e a praia) é uma paisagem valorizada esteticamente (doravante percebida como grandiosa, bela e sublime ⁷) e um apreciado lugar de lazer (FREITAS 2016, p. 47). O mesmo sucedeu com a montanha (extensão vertical) e o deserto.

A fraca ocupação do litoral português teve razões reais e imaginárias, as quais intensificaram um medo ancestral do mar e do oceano: frequentes ataques de piratas e corsários, de nacionalidades diferentes, persistentes até ao princípio do século XIX, cuja memória se conserva em periódicos e jornais da época e está presente no imaginário popular (FREITAS 2016, pp. 35-37); os frequentes naufrágios por causa da morfologia da linha de costa e das condições meteorológicas; as tempestades, inibidoras da presença humana ao longo da costa (FREITAS 2016: p. 42); o risco de perda de vidas e a miséria são as ameaças constantes sobre as famílias que se dedicam à pesca, tal como exemplifica a tradição oral; a falta de recursos – nomeadamente, a carência de terra arável, cuja destruição é causada pela areia transportada pelo vento; a falta de água fresca; o clima hostil com grande amplitude térmica durante

⁶ Enquanto para uma mentalidade pré-científica, as áreas selvagens são o símbolo de um poder demoníaco (fonte de intrusões malélicas) fora do controlo humano, para a modernidade técnico-científica, elas tendem a ser vistas menos como possuídas por uma vontade nociva para a humanidade e mais como uma frágil teia de vida requerente de protecção e cuidado humanos (TUAN 1979, p. 212).

⁷ A apropriação estética da natureza por meio de uma livre contemplação fruidora veio implicar uma espécie de despreendimento da natureza (ou melhor: a autonomização de um elemento integrante desse todo) doravante não estritamente confinada à existência do trabalho ou a quaisquer fins práticos: «O que outrora foi utilizado, ou foi considerado inútil enquanto terra erma, e o que ao longo dos séculos foi ignorado e desprezado, ou o território hostil e desconhecido, tornou-se grandeza, sublime e belo: tornou-se esteticamente na paisagem» (RITTER 2011, p. 105).

o dia; o impacto da contaminação de sal sobre a flora; a quase inexistência de vias de acesso a povoações costeiras (FREITAS 2006, p. 44). Quanto às razões imaginárias: o medo de zonas costeiras, consideradas como um espaço privilegiado do desconhecido (FREITAS 2006, p. 29). Sob a feição de um mar épico, ligado ao imaginário das Descobertas – por seu turno, distinto do mar associado à pesca, a um duro modo de vida feito de azar e sorte – há um mar anti-épico (*História Trágico-Marítima*), cuja fúria e braveza mergulhou nos abismos do sofrimento e da miséria humana todos aqueles que para ele foram empurrados, ora pela pobreza, ora pela cobiça. Testemunhando a muita afeição pela terra e a pouca pelo mar, a tradição oral revela-nos um mar de sobrevivência, bem distinto do mar das riquezas do Oriente segundo o estudo [no prelo] de Guimarães e Freitas.

O litoral é uma zona de incalculáveis riscos e perigos. Enquanto exemplo de terra erma – à semelhança de monte, deserto, mar e pinheiral – o litoral era ignorado e desprezado pela sua inutilidade e tido por um território hostil e desconhecido (RITTER 2011, p.105). Lembrando o argumento de Luís Cancela da Fonseca, o temor das populações marítimas ao mar não só se manifesta na crença de que, a partir de um certo limite, se torna impossível regressar do mar / oceano, mas também no recurso à linha de horizonte como ponto de referência e fronteira entre o mar conhecido (navegável e fonte de sustento) e o mar infinito enquanto espaço do maravilhoso e da perdição (FREITAS 2016, p. 31).

Há, ainda, uma razão religiosa para a repulsa ao mar: a montanha e o mar estão associados à maldição, por serem o rosto e o vestígio do Dilúvio. Dito de outro modo: instrumentos de punição e relíquia da catástrofe. Sob este quadro mental pré-moderno, não espanta que o mar surja como sorvedouro e abismo de todos os males. Além disso, com uma garantia adicional: os males ficam necessariamente aprisionados muito para além dos limites do mar conhecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A.G.; GUIMARÃES, A.P. & MAGALHÃES, M. (Eds.). 2009. *Artes de Cura e Espanta-Males – Espólio de Medicina Popular recolhido por Michel Giacometti*. 1ª ed., Gradiva, Lisboa. pp. 17-18. (ISBN: 978-989-616-340-2).
- ANTUNES, J.L. 2009. Prefácio. In: ALMEIDA, A.G.; GUIMARÃES, A.P. & MAGALHÃES, M. (Eds.). *Artes de Cura e Espanta-Males – Espólio de Medicina Popular recolhido por Michel Giacometti*. 1ª ed., Gradiva, Lisboa. pp. 17-18. (ISBN: 978-989-616-340-2).
- ALVES, M.V. 2009. Entrevista realizada por GUIMARÃES, Ana Paula; RIBEIRO, Carlos Augusto & ALMEIDA, Ana Gomes de. In: ALMEIDA, A.G.; GUIMARÃES, A.P. & MAGALHÃES, M. (Eds.). *Artes de Cura e Espanta-Males – Espólio de Medicina Popular recolhido por Michel Giacometti*. 1ª ed., Gradiva, Lisboa. pp.369-371. (ISBN: 978-989-616-340-2).
- ARAÚJO, A.M. 2004. *Medicina Rústica*. 3ª ed., Martins Fontes, S. Paulo. 363p. (ISBN 85-336-1984-7).
- CARVALHO, A. 2009. Medicina Popular e Tradicional – O Ponto de Vista de um Médico. In: ALMEIDA, A.G.; GUIMARÃES, A.P. & MAGALHÃES, M. (Eds.). *Artes de Cura e Espanta-Males – Espólio de Medicina Popular recolhido por Michel Giacometti*. 1ª ed., Gradiva, Lisboa. pp. 21-22. (ISBN: 978-989-616-340-2).
- CORRAL, A. V. 2009. Migas do Augado – Um Rito Propiciatório na Comunidade Ribacudana. In: ALMEIDA, A.G.; GUIMARÃES, A.P. & MAGALHÃES, M. (Eds.). *Artes de Cura e Espanta-Males – Espólio de Medicina Popular recolhido por Michel Giacometti*. 1ª ed., Gradiva, Lisboa. pp. 491-496. (ISBN: 978-989-616-340-2).
- FREITAS, J.G. 2016. Landscapes of Fear: The Portuguese Coast. *The Nautilus – A Maritime Journal of Literature, History, and Culture*, 7: 27-59.
- GUIMARÃES, A.P.; FREITAS, J.G. [no prelo] Lavrar / Navegar – O Mar na Tradição Popular Portuguesa. In: CARRETO, C.C.; FREITAS, J.G. & SARMENTO, C. (Eds.). *Imaginários do Mar*, Edição IELT: ebook.

- RIBEIRO, C.A. 2013. Não Corto Carne, Eu Corto e Retalho Bicho. *Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura: Cultura popular, oralidade e performance*, 22(35):85-96 (e-ISSN 1982-9701) (disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/issue/view/1251>).
- RITTER, J. 2011. Paisagem – Sobre a Função do Estético na Sociedade Moderna. In: SERRÃO, A.V. (Ed.). *Filosofia da Paisagem – Uma Antologia*. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Lisboa. pp. 95-122.
- (ISBN: 978-972-8531-96-6).
- SCHECHNER, R. 2003. *Performance Theory*. Routledge, Nova Iorque. 407p. (ISBN: 0-415-31455-0).
- TUAN, Yi-Fu 1979. *Landscapes of Fear*. University of Minnesota Press, Minneapolis. 263p. (ISBN: 978-08888166-88459-5).
- VASCONCELLOS, J. L. 1986. *Tradições Populares de Portugal* (organização e apresentação de Manuel Viegas Guerreiro). Imprensa Nacional / Casa da Moeda, Lisboa. 339p.